

LITERATURA MEDIEVAL

Volume II

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

© 1993, **EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte

Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: **EDIÇÕES COSMOS**

1ª edição: Maio de 1993

Depósito Legal: 63839/93

ISBN: 972-8081-05-7

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)

Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01

Fax: 347 82 55

Rei Lear: Percurso de uma Lenda

Cláudia Sousa Pereira

Universidade de Évora

Inserido no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, o texto que resume o drama de Lear e suas filhas arrasta, no seu tema, uma longa tradição. Esta tradição parece ter seguido duas vias que, como é comum na literatura medieval, se entrecruzaram de forma marcante.

Da tradição literária escrita verificamos a sua presença na literatura genealógica — como é o caso do *Nobiliário* de D. Pedro, ou ainda, por exemplo, na *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth e no *Roman de Brut* de Wace — e na literatura dramática com *King Lear* de Shakespeare. Quanto à tradição oral encontramos sob este tema as inúmeras versões populares de *O Sabor do Sal*. Começarei por percorrer a tradição escrita, passando depois à tradição oral, tendo em vista o tratamento das «intertextualidades» do tema nas duas vias da sua tradição.

Na prosa portuguesa medieval o texto faz parte de um conjunto de trechos que não podemos classificar de épicos, romanescos ou míticos, mas talvez de «familiares». Segundo a classificação feita por José Mattoso, inserir-se-ia no grupo dos que «põem em relevo os valores de vassalagem», sendo a sua função dentro da obra «não só para perpetuar a honra de uma família que participa na glória do antepassado exemplarmente fiel, mas também para servir de modelo a todos os que têm o dever de cumprir os códigos de vassalagem. Por esta razão», diz ainda José Mattoso, «uma boa parte das narrativas têm um sentido negativo: contam feias traições e acentuam os pormenores que levarão o leitor a condenar os seus protagonistas.»¹

É dado adquirido que esta versão da história do rei Lear do Conde de Barcelos se terá servido de versão ou versões estrangeiras que o Conde traduziu e resumiu. Não é, no entanto, certo se o autor terá ido buscar a história directamente ao texto latino de Geoffrey de Monmouth, que teria sido a primeira versão escrita do texto. A outra hipótese já levantada e estudada é, por exemplo, a da utilização da versão francesa de Wace — *Le Roman de Brut*.

A história de Lear parece ter entrado para a literatura inglesa através, precisamente, da *Historia Regum Britanniae* (c.1135) de Geoffrey de Monmouth, em que Lear é o décimo rei britânico a seguir a Bruto. Segundo alguns autores², o nome de *Leir* pode ser o de um rei celta, e o nome Leicester nada teria que ver com o rei até Geoffrey de Monmouth fazer dele fundador dessa cidade. Certo é que, dentro do conjunto da obra, o trecho dedicado à história de Lear é, de entre os outros, o mais «sentimental», tratando com algum detalhe e naturalidade a relação entre filhos e pai, sendo o triste fim de Cordélia, não um castigo para a sua resposta críptica, mas um elemento que nos vem do motivo da «terra dividida», motivo esse que precede o trecho de forma frequente ao longo da crónica: Bruto divide a Bretanha pelos seus três filhos, Mempricus e Malin discutem o governo da ilha, etc. No fundo, a morte de Cordélia na prisão parece ser provocada por um resquício do Mal que «sobrevive» assim na família.

Quanto à versão dada por Wace no seu *BRUT*, e que ocupa cerca de quatrocentos versos (v.1654-v.2066), verificamos tratar-se de uma tradução do texto de Geoffrey de Monmouth, uma vez que ao texto do autor normando é atribuída a data de 1155. Também nesta versão notamos uma mudança de tom em relação aos restantes versos da obra dada pela sentimentalidade e dramatismo do discurso directo. Veja-se o início da lamentação de Lear ao descobrir o seu erro e consequente infortúnio:

«Las mei, dist il, trop ai vescu
Quant jo cest mal tens ai veu.
Tant ai eu, or ai si poi.
U est alé quanque jo oi?
Fortune, tant par es muable,
Tu ne puez estre une ure estable;
Nuls ne se deit en tei fier,
Tant faiz ta roe tost turner.
Mult as tost te colur muee,
Tost iés chaete e tost levee.» (vv.1913-1922)

Destas versões, incluindo talvez a versão castelhana, o texto do Conde D. Pedro parece apenas ter retirado o essencial dos factos narrados, aparecendo despido de «ornamentos estilísticos», sem discurso directo, mostrando, no entanto, o seu autor um enorme domínio das técnicas de resumo, como é o exemplar caso do final do trecho:

«Morreo el rei de França e nom leixou filho vivo. E os outros dous a que tolhera a terra houverom senhós filhos e apoderarom-se da terra toda; e prenderom aa tia, molher que fora d' el rei de França, e meterom-na em un carcer e ali a fizeram morrer».

Ao inserir-se o texto no grupo dos que servem de modelo ao código de vassalagem termos de concordar que a curta narrativa bastaria como exemplo para os interessados. Ainda segundo José Mattoso estes «não são apenas os que com isso exaltam o prestígio da família, mas todos os senhores feudais que têm de urgir o cumprimento da homenagem»³. Mais do que preocupar-se com o tema da «tragédia familiar» também proposto pelas obras que lhe serviram de fonte, D. Pedro parece dar preferência ao tratamento do tema do cumprimento dos códigos feudais, conservando no seu *Nobiliário* os bons e os maus exemplos da fidelidade ao Rei e, consequentemente, ao Reino e à Terra.

Com o século XVII e Shakespeare temos um completo desenvolvimento da história, já lendária. Temos, com efeito, em *King Lear*, o retrato completo da conduta do Rei e do processo de instabilidade a que chega, o tratamento do tema das duas irmãs corruptas, e um especial relevo do elemento chave que constitui a relação de Lear com a filha mais nova Cordelia. Avança-se frequentemente a proposta de análise desta relação pai/filha como sendo uma relação incestuosa. Se tomarmos em conta o texto *King Lear* poderemos talvez julgar, pelas palavras que Shakespeare faz Lear pronunciar, que o seu discurso é mais o de um amante do que um pai, e muito menos de um Rei:

«No, no, no. Come let's away to prison.
We two alone will sing like birds i'th'cage.
When thou dost ask me blessing, I'll kneel down
And ask of thee forgiveness. So we'll live
And pray, and sing, and tell old tales, and laugh
At gilded butterflies...
And take upon's the mystery of things,
As if we were God's spies»:

Não podemos, no entanto, esquecer que estamos no século XVII e esta acaba por ser já uma versão interpretativa do texto medieval. Parece-me ser mais pertinente uma abordagem do tema em que a leitura deste elemento da lenda se reporte aos casos das dificuldades e incompreensões por que os filhos mais novos têm que passar, competindo com a maldade dos outros irmãos.

Existem, a par destas versões escritas medievais que mencionei, uma série de histórias conhecidas do folclore europeu e oriental, que já Teófilo Braga na sua *História da Poesia Popular Portuguesa Círculos Épicos* menciona, citando Gubernatis: «Quelquefois pourtant le

père vieux et aveugle est tout à fait abandonné par ses fils.(...) Nous avons dans les légendes de Dirghatma et de Yayâti une première ébauche de celle du roi Lear.»⁴

Antigas histórias indianas tratam a ingratidão filial, a diferença entre bons e maus filhos na sua relação com o pai. Deste assunto conta ainda Gubernatis:

«En punition de la faute qu'il a commise en se laissant séduire, Yayâti est condamné à devenir vieux tout d'un coup, de jeune qu'il était. Il supplie alors les deux plus âgés des trois fils qu'il a eus de Çarmishthâ de prendre pour eux sa vieillesse; ils refusent; mais Puru, le troisième fils, consent, par respect pour son père, à devenir vieux à sa place et à lui faire le sacrifice de sa jeunesse. Au bout de mille ans, le roi Yayâti, ayant assez de la vie, rend la jeunesse à son fils Puru et, quoiqu'il soit le plus jeune, lui cède en même temps son royaume parce qu'il est le seul des trois qui se soit incliné devant la volonté paternelle; quant aux deux aînés, il les chasse.»

Na Europa, este «teste de amor» apareceu em inúmeras versões em que a princesa mais nova diz gostar do pai «como a comida gosta do sal». Sendo alvo das maldades das duas irmãs mais velhas, a princesa (quer Cordélia, quer a princesa do conto popular) acaba por se aproximar de Cinderela, como muito bem o provam os trabalhos de Marian Cox⁵ e Perrett⁶. Nestas versões populares da lenda, o pai faz o teste por várias razões e com vários objectivos: para encontrar uma maneira de dividir o reino; para se preparar para morrer; para ter a certeza de que a filha que o ama mais fique com a maior e a melhor parte da Terra; ou ainda, porque suspeita, convencido pelas irmãs más, que a filha mais nova não o ama.

A tradição literária escrita parece ter adaptado a lenda, alterando-a ao omitir o sal, tornando assim mais «natural» a relação entre filhas e pai. Quando Cordélia diz

«que o amava tanto como deve d'amar a filha a padre»

está a ser irónica face aos exageros das suas irmãs:

«Disse a maior que nom havia cousa no mundo que tanto amasse como ele; e disse a outra que o amava tanto como si meesma.»

Com a simplicidade da sua resposta, Cordélia transforma-a num enigma que Lear resolve mal. O que Cordélia diz em poucas palavras é que Lear tem tudo o que um pai deve ter — amor aos filhos e o direito de ser amado pelos bons da família — sendo, por isso, enorme o seu amor por ele. Na literatura oral, a filha mais nova do rei é recompensada no final por ter sido sincera, e o pai acaba por sê-lo também ao reconhecer a sua injustiça. Na literatura escrita, a sinceridade de Cordélia e a incompreensão de Lear são fatais para ambos.

Sabemos que o Conde D. Pedro representa o estado de erudição da nobreza de Portugal, e que o conteúdo da sua obra lhe chegou por comunicação literária. Se por muitos não é considerado nem sequer um autor mediano, teve o mérito de conservar textos únicos da tradição. Sabemos também que os clérigos fizeram sempre tentativas para que os nobres leigos adotassem a sua disciplina e conduta moral. São precisamente as genealogias que utilizaram os primeiros escritos dos clérigos sobre os feitos «históricos», como o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, que, como diz José Mattoso, «ajudam os nobres a adquirirem consciência do tempo, da sucessão das gerações no passado, e introduzem no mundo escrito aqueles que até então se exprimiam apenas no âmbito de uma cultura oral»⁷. São estes textos uma forma de autenticar a superioridade da nobreza medieval, funcionando para esta camada social de exemplos, como serviam já os contos e lendas tradicionais de agrado popular para moralizar, constituindo parte obrigatória dos sermões na Idade Média.

Este carácter de «autenticação» do texto do Conde de Barcelos explica, de certa forma, as diferenças entre as duas vias da tradição do texto que conta a história de Lear. No fundo, todas as versões escritas da lenda se serviram da estrutura da tradição oral, revestindo-a com caracteres presumivelmente históricos para lhe conferirem a verosimelhança necessária. Verifiquemos, então, como na passagem desta lenda da literatura oral à literatura escrita,

princípio em que nos acabamos por nos basear, se realiza, não uma ruptura, mas uma continuidade.

Em ambas as vias da tradição no «teste de amor» é pedida uma resposta verbal, onde é exigida a perspicácia de cada uma das testadas. É a palavra que vai desencadear toda a acção. Na versão oral portuguesa mais comum, a pergunta é feita para testar o amor filial e as respostas são avaliadas, não pela sinceridade que revelam os seus possíveis sentidos, mas pela reacção mais primária ao que sugerem os seus significantes. A simplicidade e devoção da resposta dada pela mais nova (que lhe queria tanto como a comida quer o sal) é ofuscada pela banalidade e presunção das respostas das mais velhas (que lhe queriam como ao sol e como a si mesmo). Na versão escrita do *Livro de Linhagens*, a pergunta é feita com a preocupação da transmissão do Poder e da divisão do Território:

«E este rei Leir nom houve filho, mas houve tres filhas...».

As respostas são dadas com intenções diferentes. Enquanto as duas filhas mais velhas respondem, hipocritamente, usando os mesmos termos de comparação e conseguindo com as palavras enganar Lear, a mais nova responde com sinceridade, confessando o seu dever e amor filial, evitando palavras elogiosas, que julga (mas mal) bastarem como resposta a seu pai.

Se as consequências directas são mais penosas para a princesa do texto oral, e menos para a princesa do texto escrito, fica a dever-se o facto à importância que a *performance* do texto oral exige que se dê à rapidez do encadeamento e sucessão dos factos.

Enquanto Lear apenas «*nom curou da meor*», não lhe arranjando marido, nem lhe dando uma parte do reino, o rei da versão oral expulsa-a do palácio. Se, segundo o *Livro de Linhagens*, «ela, por sa ventuira, casou-se melhor que nem ua das outras», a princesa do texto oral tem de primeiro servir como cozinheira noutro palácio. Neste ponto, as provas de humilhação social por que tem de passar esta princesa aproximam mais deste texto as novelas cavaleirescas medievais, enquanto o texto do *Nobiliário* se mantém na linha da história genealógica, e talvez mesmo cronística, com preocupações, acima de tudo, de conservação das tradições familiares nobres.

Se o facto de uma filha gostar de um pai como um dever a cumprir é o melhor exemplo a dar para aqueles que têm de preservar os nobres códigos de vassalagem, ou seja, os leitores da obra do Conde de Barcelos, o querer um pai como a comida quer o sal será o melhor caminho a seguir para mostrar ao povo, que conhece o valor do que é essencial para sobreviver, um exemplo de conduta moral a seguir.

Mostra-se a passagem da tradição oral à tradição escrita como uma continuidade, como exemplificam as duas vias da tradição desta lenda sobre amor filial, e ainda de forma mais explícita esta curta versão de D. Pedro posta em comparação com as versões medievais europeias precedentes. Julgo dever-se este facto a uma lógica de narração quase obrigatória, que procede de uma mesma intenção por parte dos autores (o conhecido ou o anónimo), e de uma mesma expectativa por parte dos públicos. Se os meios são diferentes, este caso mostra bem com até aqui o público-leitor é, tal como o público-ouvinte, colectivo, uma vez que neste *Nobiliário* D. Pedro tem com objectivo «meter amor e amizade antre os nobres fidalgos da Espanha» (Prólogo).

Notas

¹ José Mattoso, *Portugal Medieval Novas Interpretações*, ed. INCM, Lisboa, 1984, pp. 317-318.

² Geoffrey Bullough, *Narrative and Dramatic Sources of Shakespeare*, vol. III, Routledge, Columbia, 1978.

³ J. Mattoso, *op. cit.*, p. 318.

⁴ Gubematis, *Mythologie Zoologique*.

⁵ Marian Roalfe Cox, *Cinderella: Three Hundred and Forty-Five Variants*, The Folk-Lore Society, London, 1893.

⁶ W. Perrett, «The Story of King Lear from Geoffrey of Monmouth to Shakespeare», *Palaestra*, XXXV, Berlin, 1904.

⁷ J. Mattoso, *op. cit.*, p. 326.